

O republicanismo [não] disfarçado de Álvares de Azevedo

Patrícia Aparecida Guimarães de Souza
Doutoranda no Programa de Literatura Brasileira DLCV- FFLCH – USP
patricia_0388@hotmail.com

Resumo: O poeta Manuel Antonio Álvares de Azevedo foi um dos principais nomes do romantismo brasileiro. Sua obra permeada pela ironia, o ceticismo e a afronta à moral vigente liga-o ao que se costumou chamar de “byronismo”. Além de sua obra poética, o literato escreveu estudos literários e proferiu discursos, nos quais expôs suas expectativas de futuro e seu descontentamento com a política do Império. O poeta também demonstrou grande erudição e conhecimento dos acontecimentos e debates ocorridos na Europa. Nesta apresentação, partindo de uma carta de Álvares de Azevedo enviada ao seu pai a respeito de um discurso proferido em 1850 e do discurso em si, buscarei delinear o pensamento político do jovem poeta e apontar para como este se relacionava com suas escolhas estéticas.

Palavras-chave: Álvares de Azevedo; discursos; republicanismo

No dia 3 de julho de 1850, o poeta Manuel Antonio Álvares de Azevedo – estudante do Curso Jurídico do Largo São Francisco, com 19 anos incompletos – escreveu uma carta ao seu pai, Inácio Manoel Álvares de Azevedo, tratando de um discurso que havia proferido em maio daquele ano. O filho tentava dissuadir o pai de que teria realizado uma fala de “liberalismo exagerado” e “republicanismo”. Não é possível saber se Inácio de fato se convenceu sobre a “intenção nenhuma política” do filho, mas certamente considerou a carta convincente, pois cedeu-lhe para servir de prefácio ao discurso na edição póstuma dos escritos em prosa de Álvares de Azevedo, de 1855, organizada pelo primo do poeta Jacy Monteiro.

Inácio Manoel Álvares de Azevedo era conservador, já havia exercido as funções de auditor de guerra, juiz de direito, chefe de polícia e deputado geral¹. Além disso, mantinha relações de amizade com a família de Candido Ladislau Japi-Açu, desembargador que foi mandante da morte do jornalista liberal Libero Badaró. Segundo Vicente de Azevedo, organizador de uma edição das cartas do poeta, Inácio teria chegado a ajudar o então desembargador em sua fuga após o assassinato².

¹ CAMILO, Vagner. Álvares de Azevedo, o Fausto e o mito romântico do adolescente no contexto político-estudantil do segundo reinado. In: *Intinerários*, Araraquara, nº33, jul-dez de 2011, p. 86.

² Em cartas escritas por Manuel Antonio Álvares de Azevedo a seus pais durante a infância, o contato com Japi-Açu é explicitado e sua fazenda é um dos locais de passeio do menino. Ver: AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. Niterói sem data. In: _____, *Cartas de Álvares de Azevedo*. Comentários de Vicente Azevedo. São Paulo: Academia Paulista de letras, 1976, p.18 (nota 1); AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. Botafogo, 28 de novembro de 1840. In: _____, Op. Cit. p. 22; AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. Botafogo, 19 de

Assim, a missiva familiar e o discurso estudantil se tornam documentos de grande interesse para sondar as disputas e possibilidades de concepções política neste momento do Brasil império, além de apontarem para a grande circulação de ideias liberais, republicanas e mesmo socialistas (como veremos adiante) no Brasil de meados do século XIX. É importante destacar que, embora a crítica tradicional tenha visto as posições políticas de Álvares de Azevedo como “fumaças liberais anarcoides” típicas da adolescência, nas palavras de Alfredo Bosi, Cilaine Alves Cunha e Vagner Camilo há cerca de vinte anos vêm abordando aspectos políticos da obra do poeta.³

Política em cartas familiares

Meu pai e amigo.

3 de julho de 1850

.....
.....
.....
.....
.....
A propósito do manuscrito do discurso, duas palavras:

Não é intenção nenhuma política a minha nele. – Este discurso não é mais que o desenvolvimento da ideia esboçada no dia 11 de agosto. Falei aí na missão das academias – falo neste da influência política dessa missão. Até aí não mais do que uma dedução de ideias. Quanto ao que falei sobre a instrução pública, sobre o desleixo dos governos de todos os credos no Brasil, bem se vê que nisso não há ideia nenhuma de liberalismo exagerado e muito menos de republicanismo. As minhas ideias sobre política resumem-se em querer menos palavras e mais convicções – menos alarido de liberalismo e mais instituições asseladas dele. Não digo se a Constituição é boa ou má – ninguém até hoje pôde dar opinião definitiva sobre isso: a Constituição tem sido atirada por todos e em todos os tempos para todos os lados, desde que não tem servido de instrumento para os partidos – e isso não foi só feito pela lei de 3 de dezembro. O que lamento é que a Constituição garanta instrução primária e que ela não se dê; que ela garanta Universidades e que ninguém cure de realizar a máxima fundamental. Creio, portanto, que não há esperar a realização daquilo que sonhou o imperial constituinte e que não pôde objetivar – o esparzimento de luz científica pelas massas, o que a fizera erguer como as estátuas de argila de Prometeu – da parte ao menos dos governos: – e por isso o único elemento donde eu posso esperar alguma coisa a esse respeito, são as academias. – Teoria é essa repito, que nada tem de revulsiva.

setembro de 1842. In: _____, Op. Cit. p. 26; AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. Botafogo, 19 de setembro de 1842. In: _____, Op. Cit. p. 27.

³ Sobre os discursos, Cilaine Alves Cunha afirma: “O Discurso de instalação da Sociedade Acadêmica do Ensaio Filosófico conclama os acadêmicos a estudarem a variedade múltipla dos sistemas filosóficos, mas também os incita a reagirem em favor das utopias que estavam negadas, participando de toda sorte de associação, seja entre os acadêmicos ou deles com as vozes populares em praças públicas, já que a ‘chaga é funda’”. E Vagner Camilo: “AA, que atuou no periodismo do tempo, marca um posicionamento político interessante em relação a essa ideologia estudantil, fugindo inclusive da sobreposição dos princípios liberais aos democráticos apontada por Adorno. É o que se pode notar nos dois discursos por ele pronunciados à comunidade acadêmica em 1849 e 1850, notadamente no segundo.” Ver: CUNHA, Cilaine Alves. “Um sopro republicano e de vingança escrava”. In. WERKEMA, Andréa Sirihal. “*Cuidado Leitor*”. Álvares de Azevedo pela crítica contemporânea. São Paulo: Alameda, 2021, p. 58. CAMILO, Vagner. *Op. Cit.*, p.81.

Observa-se um poder de censura do pai sobre as posições do poeta, concretizado no desdito dessa carta utilizada como prefácio do discurso. Entretanto, também se nota certa barganha retórica empreendida pelo jovem. Assim, negando sua intenção política, a reafirma e posiciona-se: mesmo que diga não ser um liberal exagerado, defende os princípios liberais ao se queixar daqueles que se declaram como tal, mas distanciam-se das ideias pelas quais deveriam se nortear. A defesa da expansão do ensino público – de acordo com a constituição – também não era uma demanda inofensiva como poderia parecer. Não foi consenso entre os liberais dentro e fora do Brasil a expansão da educação pública, sobretudo das universidades. É notável que, durante os debates constitucionais, José da Silva Lisboa (Visconde de Cairu), reconhecido como introdutor das ideias liberais de Adam Smith no Brasil, e, também, defensor do absolutismo monárquico, posicionou-se contrariamente à construção de universidades em todas as províncias, defendendo que deveria se dificultar o acesso à educação superior, restringindo-a às elites, para não haver um número excessivo de “doutores”.⁵

Ao tratar da descaracterização e instrumentalização da constituição, Álvares de Azevedo cita como exemplo mais conhecido a lei de 3 de dezembro. Trata-se da Reforma do Código de Processo Criminal, uma das principais realizações do chamado “Regresso Conservador”. A partir dela, o governo central passava a ter controle de praticamente todo aparelho administrativo judiciário, à exceção dos juízes de paz, mas estes perdiam parte de

⁴ A pontuação, inclusive as linhas pontilhadas, foram feitas tendo como referência a edição de 1855. Na edição de Vicente de Azevedo, que tem por base as Obras Completas de Álvares de Azevedo, organizada por Homero Pires, e nas Obras Completas organizadas por Alexei Bueno, lê-se “Não é intenção nenhuma política a minha... nele.” A reticência sucedida de “nele”, causa ao leitor o efeito de limitar a “não intenção política” ao discurso e abrir a possibilidade de “intenções políticas” em outras obras. Ao pontuar este período apenas após “nele”, a discussão se limita a este discurso. Entretanto, é notável que, independente dessa reticência (ou não), os aspectos políticos do poeta são constatáveis ao longo de sua obra, alterando-se apenas o quão diretamente o jovem poeta se contrapõe às ideias paternas. Ver. AZEVEDO, Manuel Antonio Álvares de. *Obras*, v. 2. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1855, p. 101. AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. São Paulo, 3 de julho de 1850. In: _____, *Cartas de Álvares de Azevedo*. Comentários de Vicente Azevedo. *Op. Cit.*, p.164.

⁵ afirmou Visconde de Cairu: “reconhecido por Estadistas práticos, que não convém facilitar demasiado a todas as classes os estudos superiores, a fim de que entre somente a justa proporção dos Servidores do Estado, segundo a demanda do País; e para que também deem garantias ao público, como pertencentes a certas famílias remediadas, e de consideráveis posses. Aliás os supranumerários baratearão, ou não terão seu justo preço, como em todos os gêneros, que entram no mercado.” É notável o quão deletéria e persistente tem sido para o Brasil esta união entre liberalismo econômico e conservadorismo ao constatar-se que dois ministros da Educação do Governo Bolsonaro expuseram ideias parecidas enquanto a educação e a pesquisa sofriam imensos cortes de verbas. *Anais da Assembleia Geral, Constituinte e Legislativo do Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Typographia de Hyppolito José Pinto & Cia., 1880. Apud. PAULA, Dalvit Greiner; NOGUEIRA, Vera Lúcia. José da Silva Lisboa, José Bonifácio e Martim Francisco: discussões sobre educação no Império do Brasil. In: *Revista Brasileira de Educação* vol.22 no.71 Rio de Janeiro, 2017.

suas funções, como as de julgar pequenas causas criminais. Esse poder passou à polícia, que, além de investigar, com a mudança, também poderia julgar e aplicar penas. A lei criou a função do “Chefe de Polícia” em todas as capitais das províncias. Eles seriam escolhidos pelo Ministro da Justiça e todas as autoridades policiais estariam subordinadas a eles. Também foram criadas as funções de delegados e subdelegados, que seriam nomeados pelos presidentes de província por recomendação dos chefes de polícia. Criava-se, desta forma, um controle muito mais rígido do poder central sobre o poder local.⁶

Álvares de Azevedo já havia se referido criticamente ao chefe de polícia de São Paulo em carta enviada para sua mãe dois anos antes:

Anteontem aqui houveram umas cacetadas – um estudante do 1º ano está à morte – os dois agressores (que querem fazer-se de agredidos) também ficaram bem convidados.

O bonito do negócio é que os dois que querem fazer-se de atacados brigaram de espadas e pistolas que levavam, enquanto que o estudante só levava uma bengala – contudo tão bons são uns como o outro – são cacetistas de profissão – mas o que não há de ter lugar quando o maior culpado é o Chefe de Polícia, que os deixa andar aí soltos a fazerem o que querem?...

Um estudante por ser achado de estoque dormiu na cadeia – e, no entanto, por aí andam os Maltistas de pistolas e espadas sem que ninguém se dê por isso – A razão é esta – Um dos grandes no pau é o Gomide – e o sr. Chefe de Polícia não querendo desagradar as Gomides – pela simples razão de querer agradar à Chiquinha – não o prende nem manda recrutar...

Ora valha-nos Deus! Que terra esta onde a Polícia é feita por Gomides!⁷

O poeta se mostra indignado com a parcialidade do chefe de polícia, que coloca à frente da ordem pública seus interesses privados, sendo condescendente com grupos locais armados e, por outro lado, punindo com rigor estudantes. Destaca-se, no fim da carta, a generalização da atuação da polícia sob influência desse tipo de líder de, pode-se dizer, na atual acepção do termo, milícia. Tudo isso, a partir de um jogo de poderes e indicações que permeavam a estrutura central do Estado.

Francisco de Assis Peixoto Gomide, provavelmente o poderoso Gomide ao qual o jovem poeta se refere, era proprietário do jornal *O Saquarema*. Este periódico conservador, que defendia o poder moderador, atacou vivamente a Revolução Praieira e o republicanismo.⁸ Sobre o mesmo tema, Álvares de Azevedo escreveu, em 30 de novembro de 1850, o longo poema “Pedro Ivo”, no qual se dirige a D. Pedro II para que o imperador não permita que o

⁶ Ver: BETHELL, Leslie; CARVALHO, José Murilo de. O Brasil da Independência a meados do século XIX. In: BETHELL, Leslie (org.) *História da América Latina*. V.3 Da Independência até 1870. São Paulo: EDUSP, 2014, p. 733-734 e FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1994, P.175-176. A lei pode ser consultada através do site: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/LIM261.htm.

⁷ AZEVEDO, Manuel Antônio Álvares. Rio, 19 de junho de 1848. In: _____. Op. Cit. p. 90.

⁸ SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: MAUAD, 1998, p. 177.

líder da Revolução receba pena capital. Destaco os seguintes trechos do poema para contrapor a imagem criada de Pedro Ivo e de seus detratores pelo poeta.

Era filho do povo — o sangue ardente
Às faces lhe assomava incandescente
Quando cismava do Brasil na sina...
Ontem — era o estrangeiro que zombava,
Amanhã — era a lâmina assassina,
No cadafalso a vil carnificina
 Que em sangue jubilava!
(...)
A fronte envolta em folhas de loureiro
Não a escondemos, não!... Era um guerreiro!
Despiu por uma ideia a sua espada!
Alma cheia de fogo e mocidade,
Que ante a fúria dos reis não se acobarda
Sonhava nesta geração bastarda
Glorias... e liberdade!

Tinha sede de vida e de futuro;
Da liberdade ao sol curvou-se puro
E beijou-lhe a bandeira sublimada:
Amou-a como a Deus, e mais que a vida
Perdão para essa fronte laureada!
Não lanceis á matilha ensanguentada
A águia nunca vencida!
(...)
Não escuteis essa facção ímpia
Que vos repete a sua rebeldia...
Como o verme no chão da tumba escura
Convulsa-se da treva no mistério:
Como o vento do inferno em água impura
Com a boca maldita vos murmura:
“Morra! salvai o império !”⁹

Na carta, apesar de clamar pelo perdão do imperador ao líder praieiro, não parece haver culpas que recaiam sobre ele. Trata-se de um guerreiro que defendia a glória e a liberdade. Ele também é visto como um “filho do povo” que temia pelo futuro da nação e por ela lutava. Aqueles que o acusam e pedem sua morte são “uma facção ímpia” que “com a boca maldita” opõem a vida de Pedro Ivo à salvação do império.

O discurso

Antonio Candido afirma que junto com a música, a oratória é uma das principais características do Romantismo Brasileiro. Para o crítico: “À eloquência romântica, empolada,

⁹ AZEVEDO, Manuel Antonio Álvares de. “Pedro Ivo”. In. *Obras. Op. Cit.*, p. 359-363.

imaginosa e ébria de sonoridade, corresponde a uma poesia de características análogas”¹⁰. Essa retórica teve como um dos grandes expoentes o frade Monte Alverne e seus discursos políticos no primeiro terço do século XIX, mas se prolongou por boa parte do século no Brasil. Segundo Candido, a retórica romântica:

[...] envolve o tema numa revoada de tentativas verbais, que dão a muitos escritos românticos um movimento perene de nadador aflito, bracejando e erguendo espumas para se manter à tona. Abandonado o equilíbrio clássico e a sua ordenada visão de mundo, entramos numa fase de moto contínuo, que procura sacudir o espírito em todas as direções a fim de desvendar a sua misteriosa obscuridade. ¹¹

Antonio Candido também cita a grandiloquência como característica marcante deste tipo de discurso. Dentro dessa perspectiva, pode-se entender esteticamente os discursos de Álvares de Azevedo, nos quais o poeta faz grandes voos temporais indo da Grécia Antiga até os seus dias, cita inúmeros filósofos, políticos, literatos, historiadores etc. Tudo isso enquanto apresenta sua perspectiva sobre o papel do estudante/poeta/intelectual para formar a nação e realiza suas críticas à política imperial, além de expor suas afinidades políticas e filosóficas.

O segundo discurso de Álvares de Azevedo, do qual se trata esta apresentação, foi pronunciado na sessão de instalação da Sociedade Acadêmica Ensaio Filosóficos.

Utilizando-se da tópica da modéstia, Álvares de Azevedo inicia o discurso anunciando sua obscuridade e pobreza literária. Entretanto afirma que vestirá a “túnica sublime do missionário do progresso”, assim, proclamando o papel profético do poeta, para além de sua própria existência.

É por ventura uma ousadia temerária a daquele que se levanta de sua obscuridade, para vir falar entre vós — em mérito o derradeiro de vós todos — : a daquele que se desroupa dos andrajos de sua pobreza literária, por tomar a túnica sublime do missionário do progresso: é talvez insânia, quando Deus lhe não asselara, pela febre das noites de insônia, a aristocracia soberba do gênio. ¹²

Neste trecho, pode-se observar a ideia – comum entre os românticos – de que o poeta se torna um profeta de seu tempo graça ao seu “gênio literário”¹³. Álvares de Azevedo prossegue falando sobre o Brasil em tom inequivocamente político. Aponta a ambiguidade do momento vivido pela nação: O país estaria dividido entre o “ressonar das modorras últimas sob um despotismo que – assim como a árvore mancenilha – ulcerou de a quantos lhe

¹⁰ CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Momentos decisivos. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2014, p. 360

¹¹ Ibid. p. 361

¹² AZEVEDO, Manuel Antonio Álvares de. Discurso pronunciado na sessão da instalação da sociedade Acadêmica Ensaio filosóficos. Em 9 de maio de 1850. *Op. Cit.* p. 103.

¹³ Sobre o lugar sagrado que o poeta ocupou no romantismo ver Paul Bénichou..

dormiram à sombra”¹⁴, indicando o caráter deletério do absolutismo que deixa cicatrizes na futura nação independente, e “os primeiros bafejos do vento reçumado de esperança”.

Então, Álvares de Azevedo perpassa momentos críticos da história europeia, desde o Império Romano, quando Roma é descrita como “prostituta de César”, para concluir que “naqueles escombros de ruína, surgiu uma turba de homens novos.”¹⁵. Desta forma, os valores da monarquia são vistos de maneira negativa (o monarca faz o grande Império de prostituta) e o cristianismo é ligado a “turba” e aos movimentos de 1789 e 1830, dando-lhe dimensão revolucionária:

Aí, senhores, eu vos mostrarei um grande exemplo para afoitar-vos. Poucos deserdados de pátrias, de quem a plebe romana ria como a insensatos, e a cujas agonias jubilara, debruçada nas arias santas do Coliseu — poucos vieram: e breve aqueles que perpassavam curvos o muro da cidade imperial — sacudindo-lhe à porta o pó das sandálias, como o dissera o preceito de Deus — breve ergueram as fontes sublimes das grimpas das sete colunas. (...) Mas o salpicar do pó funerário tinha sido orvalho àquela palmeira altiva do Cristianismo, que, bem como o freixo Ygdrasil da crença do norte, tendia ligar — céu à terra. (...) E por todo aquele relembrar, vê-la-eis sempre laureadas e deslumbrantes de glória — as sociedades de homens unidos peito a peito numa sede de amor aos pés de Deus.

Vede. A humanidade ergueu muita vez de sobranceira a fronte remoçada às caudais de luz, manadas dos cenáculos. Dessas turbas de irmãos que se vão às montanhas — como os discípulos, na escuridão das ladeiras inda vermelhas do Gólgota — passar as noites medonhas de barbaria aguardando as alvas das civilizações futuras, — dessas comunidades de mancebos resvala sempre muita luz de esperança, muita aureola de claridão. Daí se erguem muitas frentes pálidas, onde fundo borbulha o gênio, abatidas como ao peso de nuvens ardentes, ofuscadas como às evocações fantásticas das agoniadas iniciações do apostolado — e que inda febris daquelas desoras em que as visões correm descabeladas e sanguentas, como as rondas lívidas de Holbein — sonham — e criam as revoluções de 1789 e 1830.¹⁶

O cristianismo exaltado por Álvares de Azevedo é aquele que cria “sociedades de homens unidos peito a peito numa sede de amor aos pés de Deus”, ou seja, um mundo novo em que as desigualdades terrenas são ofuscadas pela grandeza de Deus. Ressaltando o caráter revolucionário dos cristãos, o poeta elenca-os no mesmo parágrafo que os revolucionários de 1789 e 1830. Essa afirmação tem consonância com a concepção de um cristianismo revolucionário de Lamennais, autor citado *en passant* no outro discurso, em um trecho do poema *Ideias íntimas* e no estudo sobre George Sand.

Neste momento, o tom do discurso é marcado por certo otimismo. Quando são evocados os cristãos dos primeiros tempos – que foram derrotados – eles são vistos como

¹⁴ AZEVEDO, Manuel Antonio Álvares de. Discurso pronunciado na sessão da instalação da sociedade Acadêmica Ensaios filosóficos. Em 9 de maio de 1850. *Op. Cit.* p. 103.

¹⁵ *Ibid.* p. 104.

¹⁶ *Ibid.* p. 105-107

sementes para as revoluções contemporâneas. Isto pode ser visto como uma resignificação das antigas derrotas, pois elas se tornam combustível das lutas futuras.

Após citar as revoluções, Álvares de Azevedo traz a poesia e a filosofia como motrizes do progresso: “O carro do progresso porque rode há mister do impulso daquela onda perfumosa que se acorda irriante aos sonhos do poeta, às locubrações da filosofia.”¹⁷ E afirma:

É Lerminier — Lerminier aos vinte anos — arrebatando nas torrentes de seu entusiasmo a mocidade francesa de então, onde a filosofia do século XIX e a poesia liberal contemporânea, no parecer de Copefigue, produziram a insurgência de ideias que fez a queda da restauração bourboniana, como a filosofia e literatura do século XVIII fizeram a da França monárquica por direito divino.¹⁸

Álvares de Azevedo destaca “Lerminier aos vinte anos”. Especificar os vinte anos não é apenas uma ode à juventude, mas lembrar que o elogio não se refere ao político orleanista da maturidade, mas ao Lerminier saint-simoniano, que apoiou a revolução de 1830, mesmo que depois ela tenha sido motivo de decepção a tantos revolucionários.

Voltando-se para o Brasil, Álvares de Azevedo afirma um país que “vacila entre formas governativas” por, por um lado, já nascer deslumbrado com a revoluções de “além-mar” e tender para a “objetivação dos princípios livres” e, por outro, ter estas esperanças frustradas pelo absolutismo. O poeta usa como representação da desesperança precoce que determina sua nação o poema *Miserrimus* de Gonçalves Dias, que conta a história de um jovem que cresce livre e com sonhos, mas solitário. Por isso, pensa em desistir de sua vida; contudo, quando se encontra mais fraco, se apaixona e se dedica a este amor, mas é enganado. Por fim, Miserrimus morre e seu corpo é enterrado sem qualquer cuidado. Na última estrofe do poema lemos:

Amizade! - ilusão que os anos somem;
Amor! - um nome só, bem como o nada,
A dor no coração, delícias n'alma,
Nos lábios o prazer, nos olhos pranto
- Tudo é vão, tudo é vão, exceto a morte.¹⁹

É notável que para citar um poema de Gonçalves Dias, o mais importante poeta brasileiro naquele momento, não escolhe uma de suas obras “Americanas”, feitas intencionalmente para retratar a pátria, mas um poema descrente, de forma que é contrabalançada a fé no progresso inicialmente expressa. Essa escolha é coerente com a

¹⁷ AZEVEDO, Manuel Antonio Álvares de. Discurso pronunciado na sessão da instalação da sociedade Acadêmica Ensaio filosóficos. Em 9 de maio de 1850. *Op. Cit.* p.107.

¹⁸ Idem ibidem.

¹⁹ Este poema foi publicado na edição de 1847, mas foi retirado em 1857. DIAS, Antonio Gonçalves. *Cantos*. Introdução, organização e fixação do texto de Cilaine Alves Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p.113-116.

perspectiva de literatura nacional que Álvares de Azevedo apresentou no estudo *Literatura e Civilização em Portugal* – de que uma literatura nacional não precisa ser indianista e é parte de uma longa tradição em que a cultura de diversos povos se influenciam – e com a visão do socialista francês Pierre Leroux sobre a voz profética do poeta estar em poemas que retratam as dúvidas e desolamento de sua época.

As críticas do poeta neste discurso não se restringem a monarquia e alcançam a imprensa: “é agora, senhores, que o defeito não está só nas formas [de governo], quando a imprensa também despiu seu manto auri-azul de rainha, enlaivou-se de torpeza no lupanar da calúnia, e enfurdou-se no lodo até os joelhos”²⁰. Diante desta realidade corrompida em que não se confia nem na imprensa nem nos governantes, o poeta pede que a vontade popular seja ouvida de forma direta, com a população presente nas ruas, não apenas no parlamento. Com isso, Azevedo leva a fundo a ideia de soberania popular:

[...] é agora que todos aqueles onde arde chama de talento, e amor pátrio, devem reunir-se, e de todas as reuniões, das vozes populares das praças públicas, do grêmio das academias, de todas as associações quer literárias, deve correr grande luz sobre o problema, deve talvez ainda provir a solução dele—inda mais direta que da parte dos parlamentos, porque a chaga do povo é funda; a lei só olha a superfície e só a luz da religião e da ciência podem-se baixar, como o mergulhador do Oriente, ao fundo daqueles mares.²¹

Neste trecho, também é notável a perspectiva de união americana em torno dos ideais revolucionários, o que destoa da concepção majoritária de que os outros países da América do Sul representariam o caos e, por essa razão, o Brasil deveria se manter distanciado das outras nações americanas.

Prosseguindo, Álvares de Azevedo, mais uma vez, afirma que a função dos acadêmicos não é diretamente política, para, em seguida, dizer o contrário, pois “o que é o progresso científico sem o progresso político?”²², e conclamar os acadêmicos às lutas sociais

O poeta vê na poesia e na filosofia o “caminho” das nações, a sua expressão do seu pensamento que, mesmo com sua multiplicidade, os filósofos e os gênios literários conseguem apreender e dar unidade. Nesse sentido, critica a poesia e a filosofia que sejam “parasitárias” de outros povos. Concluindo que, se a filosofia e a poesia são a expressão da nação e necessárias ao desenvolvimento, o governo que ignora a educação pública e limita o saber do povo, impede o desenvolvimento do país. Dessa forma, Álvares de Azevedo defende

²⁰ AZEVEDO, Manuel Antonio Álvares de. Discurso pronunciado na sessão da instalação da sociedade Acadêmica Ensaios filosóficos. Em 9 de maio de 1850. *Op. Cit.* p. 108.

²¹ Idem ibidem.

²² Idem ibidem.

a educação das camadas populares e ataca o poder público que, mesmo após mais de vinte anos da independência e da constituição, não cumpria com o prometido na carta magna:

[...] quando os governos se descuidam; quando a instrução pública é mais irrisão e escárnio, que a realização do preceito da lei; quando não há pês que se evitem a popularização do saber, quando se escasseia a instrução primária para as classes baixas, nega-se proteção e melhoramento para os colégios públicos, e não se quer dar caça aos obstáculos pecuniários que vedam a porta das academias às classes pobres — iludindo assim o princípio constitucional, as garantias de instrução feita ao povo; quando enfim, depois de vinte anos de existência livre., os governos não quiseram ainda realizar a promessa do lábaro das nossas liberdades, que nos garante Universidades.²³

O poeta passa, então, a lamentar o quanto, na sociedade brasileira, as ideias de transformação não prosperam, mas pede que os jovens continuem sonhando para fazer com que suas ideias cheguem ao povo:

E um dia quando vós vos tiverdes empolgado de todos os meios de cumprir o tema social; quando a fraternidade nos tiver unificado com as outras academias — brasileiras e americanas — quando a imprensa levar ao povo nossas ideias de regeneração — então, senhores, não será um grande dia?²⁴

Esse novo dia é comparado com a cura de Lázaro, assim, mesmo que se afaste da descrença de Misérrimus, afirma um presente doente. O dia da cura, é o dia que a nação será capaz de produzir sua própria filosofia, não o sistema “parasitário” de Vitor Cousin, principal ideólogo da Monarquia de Julho:

o apuramento de uma nação, desafeita de sua dependência de ideias, livre em seu ando filosófico; a sagração de um complexo de crenças e aspirações que forme a nossa filosofia brasileira do século XIX — bela de todo o fogo do entusiasmo, de todo o resumbrar de heroísmo do passado — clareado ao reverberar longínquo das esperanças do futuro — não a *ciência fragmentaria* e parasita do passado, pálida copia do que foi, como o entendeu o ecletismo de Cousin — mas sim a síntese de um povo, como a querem Pedro Leroux e Gioberti em seus princípios filosóficos,²⁵

Gioberti foi um defensor da unificação italiana e também da união entre a religião e o Estado. É importante destacar que a ideia de uma filosofia nacional vem ligada a filósofos que participavam de lutas sociais. O pensamento de Vitor Cousin, que fez parte oficialmente de uma política governamental, é “pálida cópia do passado”. Assim, a construção de um pensamento nacional também está ligada ao ideal revolucionário.

O discurso é finalizado indicando certa esperança no porvir, ainda que possua também elementos de descrença:

²³ Ibid p. 112-123

²⁴ Ibid. p. 114.

²⁵ Ibid. p. 115

E quando um dia, senhores, nosso corpo adormeça no nada, e os homens da terra esquecerem aquilo que foi nossa inteligência, restará de nós, pelo mar túrbido das peregrinações do progresso, a trilha assinalada pelo rastro de ardentias, que deixa a nau sumida no horizonte dos mares, pelas noites dos trópicos!²⁶

A esperança vem da ideia de que o pensamento dos jovens deixará sua marca no futuro. Mas é importante notar que, mesmo que utilize o termo “progresso” e de ligá-lo à ideia de um futuro melhor, o poeta não vê o progresso como um caminho linear, mas um caminho em um “mar túrbido”. Já o ceticismo se apresenta com relação à fé. Após a morte, as inteligências adormecerão no nada.

Segundo Cilaine Alves Cunha:

Além dos ideais republicanos, os ‘Discursos’ tornam evidente a adesão de Álvares de Azevedo ao evolucionismo histórico. (...) Em Azevedo, a Independência significa um momento crucial do país, que poderia ter caminhado rumo a uma sociedade democrática pela via do incentivo à educação e à cultura. Em sua ótica, a instauração do regime monárquico teria abortado a evolução “natural” do país em civilização ao negar educação pública e estancar o desenvolvimento da cultura.²⁷

A imagem do mar noturno aliado ao ceticismo é cara à literatura tida por byroniana. Para Pierre Leroux, esta seria a única poesia capaz de representar seu tempo e causar transformações sociais era a poesia “descrente”.

Byron em todas as suas obras e em toda a sua vida, Goethe em *Werther* et Faust, Schiller nos dramas de sua juventude, Chateaubriand em *René*, Benjamin Constant em *Adolphe*, Sénancourt em *Obermann*, Sainte-Beuve no livro que acabamos de caracterizar [*Vie, Poésies et Pensées de Joseph Delorme*] uma multidão inumerável de escritores ingleses e alemães²⁸ e toda essa literatura de verve delirante, de audaciosa impiedade e terrível desespero que preenche hoje nossos romances, nossos dramas e todos nossos livros, eis aqui a escola, ou melhor, a família dos poetas que nós chamamos *byroniana*: poesia inspirada pelo sentimento vivo e profundo da sociedade atual, o que significa do estado de anarquia, de dúvida e de desordem onde o espírito humano está hoje mergulhado por consequência da destruição da antiga ordem social e religiosa (a ordem teológica feudal) e de proclamação do princípio igualdade, que deve engendrar uma nova sociedade²⁹.

²⁶ Idem ibidem.

²⁷ CUNHA, Cilaine Alves. *Entusiasmo indianista e ironia byroniana*. 2000. 365 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 250-251.

²⁸ No prefácio de sua tradução do *Wether*, Pierre Leroux afirmou que o “mal do século”, inaugurado neste livro, foi intensificado por Byron e por autores posteriores. Ao seu ver, a confirmação da poesia byroniana como a principal representação do tempo teria se confirmado com a ampliação dessas obras nos tempos que se seguiram aos seus artigos. Entre as obras posteriores a 1831, ele dá destaque ao *Lélia* de George Sand como uma obra de gênio que seria exemplo da literatura da dúvida.

²⁹ « Byron dans tous ses ouvrages et dans toute sa vie, Goethe dans *Werther* et Faust, Schiller dans les drames de sa jeunesse, Chateaubriand dans *René*, Benjamin Constant dans *Adolphe*, Sénancourt dans *Obermann*, Sainte-Beuve dans le livre que nous venons de caractériser [*Vie, Poésies et Pensées de Joseph Delorme*], une innombrable foule d'écrivains anglais et allemands, et toute cette littérature de verve délirante, d'audacieux impiété et d'affreux désespoir qui rempli aujourd'hui nos romans, nos drames et tous nos livres, voilà l'école ou plutôt la famille de poètes que nous appelons byronienne : poésie inspirée par le sentiment vif et profond de la réalité actuelle, c'est-à-dire de l'état d'anarchie, de doute et de désordre où l'esprit humain est aujourd'hui

Assim, esta poesia radicalmente romântica, que traria a desordem no estilo e no tema, como a obra de Byron, ou uma intensa melancolia, como a de Chateaubriand, ao fundo, seria um grito de negação a ordem social vigente e uma defesa do princípio de igualdade. Desta forma, a escolha da estética “byroniana” por Álvares de Azevedo, exemplar em obras como *Macário* e *Noite na Taverna*, e que deixa seus vestígios até mesmo nos seus discursos e estudos literários, não deve ser vista de forma dissociada de uma escolha política.

Conforme Cilaine Alves Cunha, Álvares de Azevedo opta, na sua obra, pelo rompimento com a moral para representar uma época de decadência, em que a única saída para arte encontra-se no horror:

O tratamento moral nas obras de Álvares de Azevedo e Bernardo Guimarães inverte os valores socialmente aceitos, tomando o incesto, o fratricídio, a antropofagia e toda sorte de degradação como inerentes e naturais a uma sociedade corrompida, não menos dissoluta.³⁰

Postura esta que coincide com o projeto estético de Leroux, afirmado como um bom exemplo no discurso.

Considerações finais

Os dois discursos pronunciados por Álvares de Azevedo no ambiente estudantil de São Paulo mostram a importância do debate acadêmico e da circulação de ideias neste meio para a construção do pensamento político do poeta.

Em seus sobrevoos históricos, é notável a valorização das experiências republicanas em detrimento das monárquicas. Além disso, é recorrente a citação valorativa a reconhecidos republicanos. Também são valorizadas as ideias de revolução social, visível no constante chamamento à participação popular e a personagens revolucionários, mesmo abarcando espectros bastante diversos. São exaltados os primeiros cristãos e os revolucionários laicos de 1789; nacionalistas italianos e Napoleão, que impôs seu Império sobre quase toda Europa; Lamartine, poeta político na Monarquia de Julho, e Pierre Leroux, socialista opositor de Luís Felipe de Orleans; unindo-os apenas o signo da transformação social. Para Álvares de Azevedo, o literato e o acadêmico, deveriam cumprir a missão profética de apontar os

plongé par suite de la destruction de l'ancien ordre social et religieux (l'ordre théologique – féodal) et de la proclamation du principe de l'égalité, qui doit engendrer une société nouvelle.» LEROUX, Pierre. “Aux philosophes” In: *Revue Encyclopédique*, Paris, dez., 1831, p. p. 646.

³⁰ CUNHA, Cilaine Alves. Op. Cit., p.270

caminhos dessa transformação, criando uma poesia e uma filosofia nacionais, e também participar dela ativamente.

Por fim, é importante frisar que as escolhas estéticas do poeta se coadunam com suas escolhas políticas.

Referências Bibliográficas

Anais da Assembleia Geral, Constituinte e Legislativo do Império do Brasil. Rio de Janeiro: Typographia de Hyppolito José Pinto & Cia., 1880. Apud. PAULA, Dalvit Greiner; NOGUEIRA, Vera Lúcia. José da Silva Lisboa, José Bonifácio e Martim Francisco: discussões sobre educação no Império do Brasil. In: Revista Brasileira de Educação vol.22 no.71 Rio de Janeiro, 2017.

AZEVEDO, Manuel Antonio Álvares de. *Obras*, v. 2. Rio de Janeiro: Tipographia Universal de Laemmert, 1855

_____. *Cartas de Álvares de Azevedo*. Comentários de Vicente Azevedo. São Paulo: Academia Paulista de letras, 1976.

BETHELL, Leslie; CARVALHO, José Murilo de. O Brasil da Independência a meados do século XIX. In. BETHELL, Leslie (org.) *História da América Latina*. V.3 Da Independência até 1870. São Paulo: EDUSP, 2014

CAMILO, Vagner. Álvares de Azevedo, o Fausto e o mito romântico do adolescente no contexto político-estudantil do segundo reinado. In. *Intinerários*, Araraquara, nº33, jul-dez de 2011, p. 61-108.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. Momentos decisivos. Rio de Janeiro: Ouro sobre o Azul, 2014.

CUNHA, Cilaine Alves. “Um sopro republicano e de vingança escrava”. In. WERKEMA, Andréa Sirihal. *Cuidado Leitor*. Álvares de Azevedo pela crítica contemporânea. São Paulo: Alameda, 2021, p. 35-62.

_____. *Entusiasmo indianista e ironia byroniana*. 2000. 365 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo

DIAS, Antonio Gonçalves. *Cantos*. Introdução, organização e fixação do texto de Cilaine Alves Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1994.

LEROUX, Pierre. “Aux philosophes” In: *Revue Encyclopédique*, Paris, dez., 1831, p. 627-648.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: MAUAD, 1998.